



Ana de Mesquita Guimarães Atellerista, formadora e coordenadora do *Atelier Passos de Gigante*. Educadora, atellerista e consultora no *Cor da Terra*.

A Sala é lá fora*

A abordagem Reggio Emilia em dois projetos no norte de Portugal

*Artigo publicado na CEI nr.121, Setembro/Dezembro 2020 pela APEI



Figura 1- "Queques de Lama" feitos por crianças de 4 e 5 anos no *Cor da Terra*

Em 2004, tive a oportunidade de conhecer diferentes metodologias de ensino no centro da Europa. Residia na altura no Luxemburgo e o meu trabalho permitia viajar e conhecer diferentes lugares. Uma das metodologias que mais me fascinou foi a de Reggio Emilia. Quando regresssei a Portugal, em 2010, fui desenvolvendo várias atividades e dando a conhecer um pouco mais sobre Loris Mallaguzzi e Maria Montessori.

Trabalho sob as premissas: de que todas as crianças possuem as competências para aprendizagem, são naturalmente curiosas, criativas e ousadas nas suas teorias e criam soluções para as questões e problemas com que se deparam;

"As crianças, como entendidas em Reggio, são protagonistas ativas e competentes que buscam a realização através do diálogo e da interação com os outros, na vida coletiva das salas de aula, da comunidade e da cultura, com os professores seguindo como guias".¹

e que o papel do Adulto-Educador é de ser responsável por criar relações e conexões entre o que é falado, ouvido, visto e sentido no contacto entre os diversos espaços de aprendizagem, os fenómenos naturais e o conhecimento adquirido, e, ainda, refinar as competências do saber, saber-fazer e saber-ser.

"O papel do adulto é acima de tudo o de ouvinte, de observador e de alguém que entende a estratégia que as crianças usam em uma situação de aprendizagem. Tem, para nós, o papel de "distribuidor" de oportunidades..."²



Figura 2- Cozinha de Lama no inverno, *Cor da Terra*

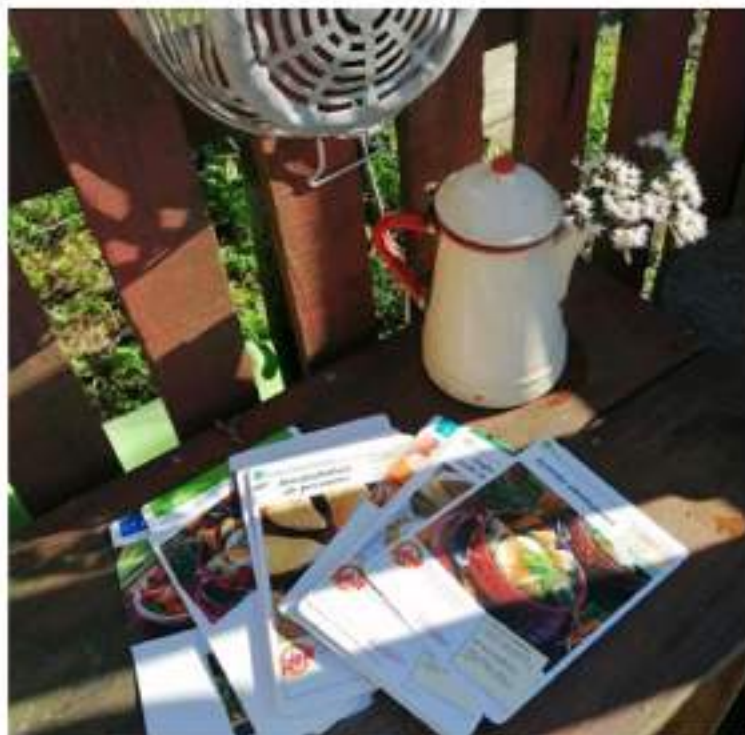


Figura 3- Detalhe Cozinha de Lama, Cor da Terra

Na Comunidade Educação Viva Cor da Terra (Maia, Porto) ou no Atelier Passos de Gigante (Matosinhos, Porto) desenvolvo o trabalho como atelierista com crianças da creche (nos ateliers para bebés) e do pré-escolar.

O atelierista traz novas formas de olhar e de tornar visível o "sistema de raízes da aprendizagem", metáfora que uso para evidenciar que devemos compreender a aprendizagem como, mais do que a árvore, todo o ecossistema em que esta se insere. Valorizam-se assim todos os processos intervenientes, tecendo a documentação dos mesmos para que se torne visível para a comunidade educativa como foi a nossa viagem, o que descobrimos e para onde queremos ir.

As paredes documentam a aprendizagem em espiral que reflete o pensamento arborescente. Longe do tempo em que o atelier era uma sala no centro da escola em Reggio Emilia, hoje o atelierista desenvolve o seu trabalho por todos os espaços, criando contextos, reestruturando áreas, evidenciando assim o quotidiano vivido na escola. O atelierista privilegia as linguagens artísticas evidenciando-as onde este atua.

A estética é procurada quer pela luz, cor, ordem, simetria, riqueza de materiais e conduz-nos à reflexão de cuidar do lugar onde aprendemos.



Figura 4- Biblioteca, Cor da Terra

"A maneira como as crianças são convidadas a usar os materiais indica o papel que se espera que tenham em sua aprendizagem. Os materiais são os textos das salas de aula de educação infantil. Ao contrário de livros repletos de fatos e palavras impressas, os materiais são como esboços e contornos. Eles oferecem aberturas e caminhos pelos quais as crianças podem entrar no mundo do conhecimento. Os materiais se tornam os instrumentos com os quais as crianças dão forma e expressam a sua compreensão do mundo e dos significados que construíram." 3

O espaço exterior deveria ser o mais privilegiado nas abordagens pedagógicas e nos valores das instituições de ensino portuguesas.

A natureza e o estar na natureza devem fazer parte da vida de qualquer criança. Em cidades geralmente urbanizadas nem sempre é fácil para os pais conseguirem encontrar respostas educativas com grandes espaços exteriores ou jardins-de-infância com uma cultura enraizada de saída frequente para áreas verdes e/ou arborizadas.

"As crianças de 3-5 anos estão a passar mais tempo do que nunca em atividades estruturadas e organizadas, o que tem vindo a criar uma situação calamitosa em termos físicos e mentais, já que nas últimas décadas houve uma perda de mais de 12 horas de tempo livre por semana." 4

Segundo o pensamento de Malaguzzi, de que é importante “que a escola encontre e manifeste a sua própria identidade” também entendo que a fluidez do espaço interior com o exterior deve ser parte visível da identidade de qualquer escola.

Não se limitarem os espaços a uma utilização imutável e condicionada.

O meu amor pelos livros, leitura e incentivar a leitura nos mais pequenos, faz com que organize inúmeras formações neste âmbito, sempre de uma perspectiva Reggio Emiliana.

Neste sentido, no Cor da Terra também temos uma biblioteca lá fora. Podem-se ouvir histórias em cima das árvores, deitados na relva ou na rede, às refeições, antes do sono e mesmo enquanto fazemos o *walk-stop-talk* nos passeios da quinta.

Os livros pertencem às mãos dos meninos e não à “escola”.

Tanto no Cor da Terra como no Passos de Gigante, o espaço é visto como o terceiro educador. Enquanto atelierista procuro sempre que o ambiente seja convidativo e provocatório à investigação. Que esteja organizado para que as crianças se sintam tranquilas e confortáveis nas suas demandas criativas, que possuam os materiais que necessitam ao seu alcance para que sejam autónomas nas suas escolhas e que este esteja esteticamente bem-apresentado. As estantes e mesas baixas suportam contextos que se correspondem aos interesses das crianças. Todas as estruturas são móveis servindo múltiplos propósitos pedagógicos.

Os objetos e materiais que habitam os espaços transitam pois são “vivos” e não sedentários e imóveis.

Figura 6- A Biblioteca lá fora, Cor da Terra





Figura 7- Atelier Passos de Gigante

Na imagem, a Francisca, 2 anos, foi buscar a caixa da matemática com números de madeira e outros recursos (denominadas de Loose Parts) para as suas “contas”.

Estando conscientes destas necessidades, os espaços são então enriquecidos pelos materiais mais inusitados, variados e estimulantes.

Nesta foto, tirada nos ateliers dos bebés do Cor da Terra, a Ema, 2 anos, recolheu os diversos recipientes em vidro, o recipiente plástico que continha diversos legumes, sementes e massas, a sua colher e foi repetindo a ação de encher, transportar, e despejar durante largos minutos, iniciando e parando sempre que desejava, trocando de colheres e outros utensílios.

O barulho, causado pelos seus movimentos, servia também de estímulo, bem como as cores atrativas dos materiais e a transparência dos vidros e plásticos nesta manhã ensolarada de outono.



Figura 8- Atelier para bebés, Cor da Terra

A flexibilidade do ambiente, a variedade de recursos, e os múltiplos usos destes, é o que alimenta a aprendizagem das crianças, e influencia a sua habilidade de concretizar as tarefas a que se propuseram. Esta permissão à exploração leva à experimentação, ao correr riscos, testar hipóteses e validar aprendizagens partilhando-as com os outros.

Estes pequenos sucessos aumentam a autoestima da criança, o que permite que interpretem o seu ambiente de forma mais flexível, logo menos restrita, formando assim um círculo virtuoso de repetições: aprendizagens-conquista-aprendizagens.

Um dos fatores chave no processo de *compound flexibility* é que a criança se sinta em controlo. É esta a razão pela qual a brincadeira autodirigida é essencial ao desenvolvimento infantil.



Figura 9- Pesquisa das Lagartas, Cor da Terra
A Margarida, 5 anos, a pesquisar sobre as lagartas da couve

Sabemos também que o estado mais ativo do cérebro (e mais propício à aprendizagem) o estado de fluxo (Flow) é definido por Mihaly Csikszentmihalyi como o estado ideal de consciência em que sentimos o nosso melhor e realizamos o nosso melhor. É um estado emocional positivo que se caracteriza por uma completa envolvimento na atividade que estamos a realizar sem nos importarmos com mais nada. Assim, quanto mais nos dedicamos a algo que nos dá prazer mais o iremos aperfeiçoar. Brown e Csikszentmihalyi juntam-se na proposta de deixar brincar as crianças pelo tempo que elas determinarem.

Quando a criança não está preocupada com atingir um produto final, mas sim explorar o processo, mais motivada estará para a aprendizagem.

Aprender in loco, desenvolver o pensamento científico através da investigação e questionamento constante, ampliar a capacidade de observação, leva-nos, enquanto Educadores, a querer acompanhar de perto como se processa o pensamento e se tecem as teorias.

Para mim, enquanto atelierista, é importante conhecer os processos de pensamento das crianças para criar depois as condições ideais para que elas possam representá-las nas suas diferentes linguagens artísticas.

Os contextos investigativos que acolhem as questões das crianças são também aqueles que relançam o olhar e a fazem surgir novas questões. As lupas, a variedade de objetos de pesquisa como os microscópios, os livros abertos que convidam à leitura das imagens, a documentação de parede que evidencia o caminho já percorrido e as descobertas já feitas, os registos e as falas das crianças transcritas, tornam visível os seus conhecimentos e fazem-nos viajar pela sua forma de pensar.



Figura 9- Pesquisa dos Cogumelos, Atelier Pastos de Gigante



Figura 10- Árvore das Perguntas, Cor da Terra

Assim será mais fácil que as crianças se sintam encantadas por aprender. E esse sim para mim é o primordial papel da Escola.

Procurar responder às questões das crianças é algo que naturalmente enquanto educadores queremos atender. Mas e se em vez de dar a resposta pronta e imediata levássemos as crianças a formular teorias para que depois fossem investigar, pesquisar e encontrar respostas primeiro autonomamente ou em pequenos grupos e depois discutissem os resultados com o grande grupo.

Entre os diversos porquês que surgem durante um dia no pré-escolar vamos recolhendo algumas questões que suscitam os mais belos dos projetos de investigação "As galinhas têm dentes?"; "De onde vêm os cereais?"; "Porque é que o nariz do pato é no bico?".

A "árvore das perguntas" mantém suspensas as que ainda não foram respondidas para que nos recordem a curiosidade natural das crianças e que devemos sempre atendê-la dentro da nossa proposta pedagógica.

No projeto de investigação dos caracóis, foram recolhidas as diferentes conchas dos que cá habitam. Foram trazidas para dentro e colocadas sobre as rodela de um tronco que outrora fora uma árvore da quinta do Cor da Terra, tal como o ramo que sustenta as perguntas.

É neste entrelaçar do dentro e do fora que transgredimos os limites de onde ocorre a aprendizagem.

O papel do adulto-Educador é o de investigador também, pois tem de manter a sua curiosidade em permanente reciclagem. É fundamental que traga uma ideia de inovação constante para a vivência com o grupo criando, desta forma, uma imagem de um humano fascinado com o mundo que o rodeia.

A beleza e a diversidade dos materiais naturais e a forma como estão organizados nas estantes transparece o cuidado e o amor que temos na nossa "escola" e por aprender.

O meu papel enquanto atelierista é este: evidenciar este amor pela aprendizagem.



Figura 11- Páginas do jornal diário, Cor da Terra.

O cuidado como documentamos e registamos as falas das crianças, como as incluímos neste processo de documentar e como partilhamos com as famílias a nossa documentação, torna-nos comprometidos com a aprendizagem. Esta demonstra que as crianças florescem quando se sentem ouvidas e apoiadas para transformar a sua curiosidade em aprendizagem.



Figura 13- Questão colocada pelo Miguel, 3 anos. Cor da Terra

A pedagogia Reggio Emiliana dedica especial atenção às relações com tudo e com todos os que nos rodeiam, à estética e à poética da vida e considera o espaço como o terceiro educador. A criatividade está assim cuidada e mantida através do atelier e do atelierista.

Recordemos que há infinitas capacidades em cada ser, em cada objeto, infinitas formas de ver e de relacionar-se com o mundo.

E TU, COM QUE ESCOLA É QUE SONHAS?

Bibliografia:

- Brown, F. **Playwork Theory and Practice** (2003). Londres: Open University Press
- Carson, R. **El sentido del asombro** (2012). Madrid: Ediciones Encuentro.
- Cuffaro, H.K. **Experience with the world** (1995). Nova York: Teachers College Press.
- Edwards, C.; Forman, G.; Gandini, L. **As Cem linguagens da Criança: Volume 1, 2**. A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância (2016). Porto Alegre: Penso.
- Gandini, L.; Hill, L.; Cadwell, L.; Schwall, C. **O papel do ateliê na educação infantil: A inspiração de Reggio Emilia** (2012) Porto Alegre: Penso
- Hoyuelos, A. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi** (2020) São Paul: PHorte Editora
- Louv, R. **Last child in the woods: Saving our children from Nature-Deficit Disorder** (2008). Nova York: Algonquin books
- Malavasi, L.; Zoccatelli, B. **Documentar os projetos nos serviços educativos** (2017). Lisboa: APEI - Associação de Profissionais de Educação de Infância
- Martini, D.; Mussini, I.; Gilioli, C.; Rustichelli, F.; Gariboldi, A. **Educar é Busca De sentido : Aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa dos 0-6anos** (2020). Brasil: Editora Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil
- Neto, C. **Libertem as crianças: a urgência de brincar e ser ativo** (2020). Lisboa Contraponto Editores

